



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL

DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA - UNILAB

INSTITUTO DE HUMANIDADES

BACHARELADO EM HUMANIDADES

MARIA LIVIANE DO NASCIMENTO LIMA.

PROJETO DE PESQUISA

**PROBLEMATIZAR O COLORISMO: APORTES PARA A
CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO ANTI-RACISTA**

REDENÇÃO

2021

MARIA LIVIANE DO NASCIMENTO LIMA.

PROJETO DE PESQUISA

**PROBLEMATIZAR O COLORISMO: APORTES PARA A
CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO ANTI-RACISTA**

Projeto de pesquisa apresentado como requisito para aprovação na disciplina TCC, do curso Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Professora: Dra. Denise da Costa Cruz

REDENÇÃO

2021

Sumário

SUMÁRIO	2
1. INTRODUÇÃO.....	3
2. DEFINIÇÃO DO OBJETO	6
3. OBJETIVO	8
3.1. OBJETIVO GERAL.....	8
3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	8
4. JUSTIFICATIVA.....	9
5. PROBLEMATIZAÇÃO	11
6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
6.1. A COR EM QUESTÃO	12
6.2. DEFININDO RACISMO.....	15
6.3. UNIVERSO DE PESQUISA.....	18
7. METODOLOGIA	20
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	22
9. APÊNDICE	24

1. INTRODUÇÃO

Os negros “arrancados” de suas terras e escravizados em um passado não muito distante enfrentaram diversas situações e em alguns casos negaram suas identidades e até mesmo desenvolveram mecanismos de ódio contra o branco ou em consequência dos abusos sofridos, ódio contra seu próprio povo.

Vivemos em um mundo onde pessoas negras estão estruturalmente inferiorizadas em relação às pessoas brancas. Ao falar das questões subjetivas é possível afirmar que muitas pessoas negras não aceitam sua estética pela sua cor, pela sua estrutura física e pelo seu cabelo. Isso tudo se dá por causa do colonialismo que estabeleceu uma hierarquia entre “Raças” e cujos contornos vivenciamos até os dias atuais. O presente trabalho intenta mostrar como as discussões sobre colorismo encontradas no espaço virtual podem ser uma opção errônea às construções raciais contemporâneas. Isso porque grande parte da intelectualidade negra, engajada em construir uma base teórica para se pensar e se estabelecer subsídios para a luta anti racista no Brasil, esteve preocupada sobretudo em elaborar teorias para fortalecer uma identidade negra. Assim, muitas intelectuais afro-brasileiras optaram por trazer uma discussão onde estariam incluídas pessoas pardas e pretas na constituição da negritude brasileira (CARNEIRO, 2004).

Ora, sabemos que o projeto eugenista esteve presente na literatura brasileira, na formação sociológica, nas ciências humanas de modo geral, bem como nas artes. Dessa forma, esse pensamento lançou sobre o Brasil o chamado “mito da democracia racial” e pode ser observado em discursos e práticas de muitas pessoas brasileiras contemporaneamente, sendo reatualizado em discursos políticos e também midiáticos.

Em torno disso, tomo por objetivo trazer à tona uma reflexão sobre pigmentocracia e colorismo que vise desmascarar o racismo que este tema exala. Intento para o debate nas escolas de ensino fundamental como um meio de amenizar os transtornos causados pela propagação das discussões acerca do colorismo, que pode ser visto, sobretudo, nos espaços virtuais. Faz-se necessário repensar a identidade negra, incluindo os pardos. Não colocando-os uns contra os

outros, mas promovendo a união dos mesmos de maneira igualitária. É imprescindível promover a fácil compreensão desta questão, uma vez que isto auxiliará na desconstrução do colorismo.

Com isso, nesse projeto pretendo ter como foco a mulher negra e a relação que a mesma tem com a cor da sua pele, isso como um meio de mostrar como o colorismo é algo problemático que precisa ser reavaliado. Considerando que as mulheres negras são alvos comuns do racismo. Assunto esse altamente relacionado ao colorismo e à pigmentocracia. Como mencionado por Aline Djokic no site “*Blogueiras Negras*” (2017): “quanto mais pigmentada uma pessoa, mais exclusão e discriminação ela irá sofrer.” É desta maneira que o colorismo ou pigmentocracia se manifesta, ou seja, trata-se da discriminação que uma pessoa sofre pela sua tonalidade de pele ser mais escura.

Em meio ao exposto anteriormente, trago a visão de Tainan Silva que em seu artigo “*O colorismo e suas bases históricas discriminatórias*” (2017) relata que:

“Diferente do racismo que surgiu como um meio de discriminação, o colorismo surge como uma ferramenta de segregação que exclui aqueles que possuem uma tonalidade de pele mais escura” (Silva, 2017, p. 03).

Nesse contexto nota-se que sempre foram buscados sinônimos linguísticos que fossem capazes de mascarar o real preconceito que os negros sempre sofreram e sofrem. Não se pode esquecer que por mais que se diga que o preconceito é algo ultrapassado, ainda é ele que determina quem vai “se dar melhor” na vida, ou seja, quem vai conseguir o que quer sem ser preciso tanto esforço, ou seja a Elite. Pois para quem tem a pele mais pigmentada tudo é mais difícil, os objetivos por vezes se tornam quase impossíveis, o emprego dos sonhos fica apenas no imaginário, pelo fato de que a realidade que lhes é apresentada não é das melhores. Tendo em vista que, quase metade dos homens que não concluíram o ensino médio são

negros e que 33% são mulheres negras.¹ Que acaba por acarretar em uma maior taxa de desemprego da população negra.

¹ Evasão escolar é maior entre jovens negros. 'É a violência do racismo'. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2019/09/evasao-escolar-e-maior-entre-jovens-negros-e-a-violencia-do-racismo/>

2. DEFINIÇÃO DO OBJETO

O racismo é algo tão cruel, que por vezes, nos faz negar quem somos. Aconteceu muito isso comigo, já cheguei inclusive a alisar meu cabelo, na tentativa de me enquadrar no padrão de beleza, imposto pela sociedade. De certo modo, não importa o que façamos, ninguém atinge esse modelo que muitos consideram o “ideal”. Pois eles são reformulados a cada dia pela prática da indústria capitalista. Alisar meu cabelo foi um dos maiores erros que cometi, quis sem perceber apagar minha identidade, tentando me adequar a um padrão que em nada condizia com minha realidade.

A esse respeito vários estudos foram feitos como os de Ivanilde Guedes Mattos (2015) que em seu artigo “Estética afro-diaspórica e o empoderamento crespo”, que trata-se de um artigo onde a autora busca promover um debate em torno da estética negra a partir do olhar de uma mulher que acompanhou de perto os processos de ressignificação desta estética desde o fim dos anos 80. Mulher essa responsável por um salão de beleza na zona leste de São Paulo, que escovou e alisou muitos cabelos crespos, pois havia uma grande procura pelo cabelo alisado por uma grande parcela de mulheres negras. Segundo Ivanilde alisar o cabelo poderia ser visto no universo feminino como um “catalisador” de inclusão social.

Jurandir Costa (1984) explica um pouco sobre o assunto aqui discutido, ele diz que: “A identidade do sujeito depende, em grande medida, da relação que ele cria com seu corpo.” (Costa, 1984, p. 06). Tendo isso como referência, é possível percebermos que o meio influencia nesse processo, por vezes negamos nossa identidade ao alterarmos nossas características físicas, ao quisermos embranquecer. E esse é um dos motivos pelos quais vejo que há uma necessidade de se explorar o tema de negação em relação a ser, ou seja, negar-se ser quem é, a análise de fatos como estes é essencial para mostrar para as jovens em geral que não é negando suas próprias identidades que elas conseguirão ser aceitas na sociedade no mínimo conseguiram ser toleradas.

Durante discussão com a professora Denise Costa, uma de suas falas me chamou atenção, ela definiu colorismo como sendo um “*Apartheid dos afetos*”, ou seja, um elemento capaz de separar toda uma comunidade ou famílias, afastar as pessoas, dando ênfase a discriminação racial. Silva (2017) deixa isso claro em seu artigo afirmando que:

“[...] aquarela brasileira – como podemos chamar a infinidade de cores e de tons de pele presente nos brasileiros – não se configura como um paraíso racial, senão, aliás, revela os preconceitos raciais construídos e retroalimentados historicamente e, ainda, elabora novas formas de discriminação, assentes nos mais diversos critérios.” (Silva, 2017, p.03)

Tendo em vista que o colorismo se apresenta da maneira mais forte possível, em uma hierarquia baseada no tom de pele, determinando assim quem será autor de seu destino, no caso o branco, e quem será coadjuvante, o negro. Excluindo da sociedade todos aqueles que apresentam a tonalidade de pele mais escura, abrindo espaço para as mais diversas formas de preconceito.

O preconceito contra a mulher negra é algo que de tão frequente, se tornou parte do cotidiano. No programa altas horas², exibido no dia 07 de novembro de 2015, a atriz Taís Araújo declarou: “O brasileiro sofre preconceito diariamente. Eu passo por isso até hoje. Qualquer coisa que eu fizer e não gostarem, vão falar ‘olha aquela neguinha metida, aquela neguinha...’. É dessa maneira que vão abordar”. Não importa a esfera social, a mulher negra sempre sofre com o racismo e a discriminação.

Como Lélia Gonzales (1980, p. 224) mesmo diz que: “[...]. O racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose social brasileira.” Ela afirma com isso que articulação entre o racismo e o sexismo acaba por produzir efeitos violentos para as mulheres, em particular para as mulheres negras.

² Gshow, Taís Araújo comenta sobre preconceito racial no Brasil. Programa Altas Horas, exibido em: 07 de novembro de 2015. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4594241/>

3. OBJETIVO

3.1. OBJETIVO GERAL

- Refletir o colorismo e a pigmentocracia, mostrando o quão problemático é.

3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar o comportamento de mulheres jovens negras frente ao preconceito que sofrem;
- Criar mecanismos que discutam o racismo fenotípico;
- Debater o colorismo a partir da leitura de teóricas negras.

4. JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa surge a partir de um interesse meu em particular, pois durante o período que eu estava no ensino fundamental e no início do ensino médio eu sofri com a questão do preconceito, não que tenha sido de cor, mas sofri com “brincadeiras” que a meu ver era de muito mau gosto. Tais como: ofensas ao meu cabelo por ser cacheado e até mesmo meu corpo, por eu ser magra e alta. O que para muitos era uma vantagem, para mim era algo que me fazia não querer ser quem sou.

A análise dessas ações possibilita que haja uma maior compreensão do tema. Fazendo assim com que seja viável buscar meios de combater o preconceito e racismo com o qual a população negra tem que lidar todos os dias. Além de ser algo mais complicado para as jovens negras, tudo por conta da tão polêmica estética, algo que “assombra” tantas jovens que têm o sonho de obter o corpo que a maior parte da sociedade considera como sendo o corpo ideal.

“Afastando de seus valores originais, representados fundamentalmente por sua herança religiosa, o negro tomou o branco como modelo de identificação, como uma possibilidade de ‘torna-se gente’.” (Souza, 1984, p.18)

Esse modelo de identificação adotado por parte dos negros se deu devido a repressão e as diversas formas de discriminação com a qual têm de lidar, muitos negros optam por negar sua história, admirando a cultura do branco, nega a si próprio e vê numa vivência que em nada se compara com a sua, um modo de ascensão social, sair da margem inferior, numa tentativa de ser semelhante ao branco, discrimina sua própria origem. Contudo, quando esse por sua vez vê que há uma possibilidade de ser aceito como é, não há necessidade de negar-se. Uma vez que a negação funciona como uma ferramenta de fuga quando o assunto é racismo e discriminação. A cada passo que o negro dá em direção à ascensão a classe por ele considerada elite que é a da branquitude, ele se distancia da sua realidade, abre mão de sua identidade, em uma busca constante por uma falsa aceitação. E por esse motivo, é muito importante a discussão sobre esse tema como um meio de possibilitar aqueles, que sofrem com as mais diversas formas de preconceito, a tão sonhada igualdade. Pois são discussões como essas que levam conhecimento, e possivelmente a amenização de tais transtornos.

Não é uma tarefa fácil, mas com uma discussão aberta sobre o tema e sem censura, é possível que a sociedade em geral, até onde o conteúdo consiga ter um certo alcance, obtenha algum tipo de conhecimento sobre o tema e tentem passar a agir com mais respeito para com seus semelhantes. Pois, abordando assim essa questão será possível evitar maiores danos a quem já foi tão atingido por tais ações.

É necessário o aprimoramento das ferramentas que auxiliem de forma eficaz na discussão sobre racismo. Se tratado com maior frequência e eficiência será possível evitar que acontecimentos como os que nos são apresentados diariamente se tornem mais raros. Visto que, devido à pouca produção sobre esse tema faz-se necessário a elaboração de cada vez mais estudos sobre tal assunto, de maneira a torná-lo mais popular e assim enfatizar a importância do debate.

Optei por realizar esta pesquisa com jovens negras que se encontram nas turmas de 9º ano do ensino fundamental por estarem em idade de transição e afirmação de suas personalidades, por ser a fase que a jovem está começando a se definir, a moldar-se, a afirmar ou reafirmar suas identidades, a aceitarem-se ou não. O estudo com essas jovens possibilitará obter informações de grande relevância para a pesquisa, possibilitando assim a desconstrução de estereótipos.

Tenho por objetivo criar metodologias de ensino de combate ao racismo e, através delas, mostrar a essas jovens que o caminho não é negar a si mesmo ou a sua cor e sim lutar para que sejam aceitas como são, isso é claro que de maneira dinâmica, mostrar que não é deixando-se oprimir que fará o racismo acabar. Buscar ter como exemplo as diversas mulheres negras que estão em constante luta para mudar tal realidade. Pois as políticas curriculares ainda não dispõem para essas jovens tantos materiais didáticos tendo como principal tema e autoras as mulheres negras.

5. PROBLEMATIZAÇÃO

Este projeto visa responder as seguintes perguntas: Quais as consequências do racismo na vida dessas jovens? É possível não se deixar afetar pelo racismo? Que elementos podem auxiliar na criação de uma ferramenta de debate que ajude a esclarecer cada vez mais tal assunto?

6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

6.1. A COR EM QUESTÃO

Este projeto tem como foco a mulher jovem negra, e a relação com a cor da sua pele, considerando que as pessoas negras são os alvos mais comuns do racismo. A intolerância contra o negro é algo muito presente em nossa sociedade, porém, em uma tentativa de mostrar que fazemos parte de uma nação tolerante e aberta as diversidades, tentam das mais variadas formas possíveis camuflar o racismo que mostra-se tão presente na vida de muitos negros. Logo, tem sido cada vez mais importante falar sobre essas questões, entre elas o colorismo.

No site *Politize!*³ é possível encontrar algumas informações sobre o termo, a autora Laís Melo, diz que, o termo colorismo ou colorista foi usado pela primeira vez em 1982 pela escritora Alice Walker, em seu livro “*Se o presente se parece com o passado como será o futuro?*”, sendo o termo usado para diferenciar várias tonalidades da pele negra, e são essas tonalidades que permitem a inclusão ou a exclusão na sociedade. Mesmo que esteja com pouco tempo o emprego desse termo, desde o período colonial é utilizado e praticado. O colorismo está arraigado a nossa realidade, sendo diariamente vivenciado.

No blog *Geledés*⁴, que aborda as questões raciais, a jornalista Camila Botto, ao entrevistar a blogueira Tati Sacramento, perguntou o que é ser negra no Brasil? E ela respondeu que, “é um desafio constante visto que a sociedade é machista e racista. Ou seja, o preconceito recai duas vezes, ao mesmo tempo sobre a mulher negra. Além do mais, o racismo é também classista, visto que o modo de abordar pessoas de diferentes classes sociais varia muito.

De acordo com o portal *Geledés*, as mulheres negras são maioria, em sociedade, mas ainda sofrem com racismo. Porém, ainda que de forma lenta, a mulher negra vem ocupando espaço na sociedade, empoderando-se e lutando contra a opressão. Essa ‘ousadia’ da mulher negra tem desafiado constantemente, os pensamentos estereotipados, que parecem ter estagnado no período pré-

³Você sabe o que é Colorismo? Disponível em: <https://www.politize.com.br/colorismo/>

⁴ Geledés, Mulheres negras são maioria, mas ainda sofrem com preconceito. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-sao-maioria-mas-ainda-sofrem-com-preconceito/>

abolicionista, e não ter acompanhado as mudanças da história. “Mas o recado está sendo dado diariamente”.

Como mencionado por Lélia Gonzales: “Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. [...]. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um.” (Gonzales, 1980, p.226). Nesse contexto já é possível observar a hipocrisia no relato, o negro para subir na vida tem que se esforçar mais do que os esforços que já faz, como se a sua luta diária não fosse o bastante para ter acesso aos mesmos direitos e conquistas dos demais, e ainda diz que o negro tem os mesmos direitos.

Com isso, é perceptível que o colorismo ainda dita que dá as ordens e quem as cumprem. De modo é possível ter como exemplo as questões relacionadas ao campo de trabalho e ao ensino. Pois, quando se trata do mercado de trabalho é perceptível ainda que o tom de pele continua a ditar cargos, se uma pessoa vai entregar um currículo em determinado estabelecimento, a preocupação maior de quem vai analisar o currículo é quanto a foto - se aquele currículo não tem foto dificilmente ele será selecionado - e caso tenha foto, a aparência determina mais suas capacidades do que sua qualificação acadêmica e profissional. Bem como Silva (2017) escreveu: “[...] o colorismo estaca um tipo de discriminação que enfatizava os traços físicos do indivíduo, questões determinantes para revelar o valor que a ele seria dado em sociedade.” (Silva, 2017)

“Através do colorismo apenas cria-se a ilusão de que parte da população negra é imersa nos espaços, quando, na verdade, àquela população de pele mais escura é negada qualquer possibilidade de acesso.” (Silva, 2017, p.13). Isso não é de hoje desde o período colonial a aparência do branco o definiu como melhor qualificados do que os negros. Não é por um acaso que o negro sempre foi considerado e rotulado para ser mão de obra e não objeto pensante.

Hoje como se sabe existem as Políticas de Ações Afirmativas, que asseguram uma possibilidade àqueles que se afirmam pardos e negros, em diferentes processos seletivos. O que ainda não ficou claro para muita gente é que não é que o negro não tenha capacidade de passar na seleção sem as cotas, essa é apenas uma das medidas adotadas pelos órgãos governamentais para assegurar aos negros seus direitos enquanto cidadãos. Segundo Muniz (2018), os critérios que são empregados na seleção de cotas nas universidades e concursos públicos,

se referem ao entendimento de que, quem tem a pele negra tem mais desvantagens social, o sujeito negro é aquele que sofreu e sofre preconceito e discriminação, ao longo da vida, e isto o torna elegível às políticas de ações afirmativas.

São muitos que ainda acham que o negro não tem capacidade, embora aceitem caso de exceção, como bem coloca Cardoso, “O doutor negro é uma exceção ao seu lugar de negro. As exceções são previstas na sociedade racista, confirmam a regra. A lição que deve ser aplicada é a pedagogia do cárcere, isto é, conformar-se com as grades.” (Cardoso, 2018, p.06). O negro nunca se conformou em viver preso nas grades do preconceito no entanto, há as exceções nas quais os negros inconformados com tal situação vão em busca de direitos e de igualdade, os inconformados com a situação de humilhação, são aqueles que se tornam as exceções, os que não se aceitam o lugar insignificante que foi dado ao negro.

No entanto, tem-se início uma grande luta, “[...] É no momento mesmo em que o negro reivindica sua condição de igualdade perante a sociedade que a imagem de seu corpo surge como um intruso, como um mal a ser sanado, diante de um pensamento que se emancipa e luta pela liberdade.” (Costa, 1984, p. 07). A ideia de Costa (1984) é bem persistente quanto a esse assunto. O negro ao reivindicar seu lugar e conseqüentemente a igualdade que ele tem por direito, trava uma batalha, estando assim a margem da branquitude, visto como um intruso na sociedade. Isto só é possível mediante a ignorância e intolerância daqueles que se dizem portadores do conhecimento. Realidade essa que vem sendo mudada dentre outros mecanismos de luta, perante as ferramentas educacionais adequadas e debates abertos sobre o assunto proporcionando a todos a um novo entendimento e assim a novos meios de pensar a igualdade.

6.2. DEFININDO RACISMO

De acordo com o site, “*Escola Kids do Uou*” o termo racismo apareceu pela primeira vez em 1902, publicado em uma revista francesa *Revue Blanche*, e logo se propagou pelo mundo nos mais diversos idiomas, sendo um termo utilizado para denominar uma espécie de superioridade e inferioridade entre raças. Durante o séculos XVIII surgia o iluminismo, uma espécie de revolução científica, marcado por amplas pesquisas científicas.

Os cientistas, por vezes eram adeptos aos pensamentos darwinistas da lei da seleção natural e evolução das espécies, que tem como base a ideia de evolução, ou seja, os seres evoluem na medida que o tempo passa, aqueles que apresentam mais características evolutivas são considerados superiores, essas leis inicialmente eram usadas apenas para animais, porém alguns cientistas acreditavam que também se aplicaria a seres humanos, definindo assim uma relatividade de raças superiores. A este respeito (MUNANGA, 2003, p. 03) destaca:

“No século XVIII, deu-se início uma nova forma de pensamento, no qual a cor da pele foi considerada como um critério fundamental e divisor de águas entre as chamadas raças. Por isso a espécie humana ficou dividida em três raças estancas que persistem até hoje, raça branca, negra e amarela”.

O racismo surge então cheio de aparatos científicas, que tentam justificar uma superioridade branca e uma inferioridade negra. O racismo é então uma forma de preconceito, que tem como principal característica, a crença de que existe uma raça superior a outra.

“[...] Raça sempre foi definida no Brasil em termo de atributo compartilhado por um determinado grupo social, tendo em comum uma mesma graduação social, um mesmo contingente de prestígio e uma mesma bagagem de valores culturais.” (SOUZA, 1984, p. 20). Considerando o trecho, é perceptível notar que, a noção de raça está atrelada não somente ao fator cor da pele, mas relacionada a um grupo de indivíduos que gozam de mesmas condições socioeconômicas, o que nos permite compreender que a noção de superioridade

branca, e o conseqüente racismo estão totalmente envolvidos, por uma ampla relação de poder. Como reafirma Munanga (2003, p. 06): “Raça é um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação.”

O escritor Augusto Cury disse uma vez: “Rousseau disse que o homem nasce bom, e a sociedade o corrompe. Mas essa ideia precisa de reparos: para mim, o homem nasce neutro e o sistema social educa ou realça seus instintos, liberta seu psiquismo ou aprisiona. E normalmente o aprisiona.” Isso é um meio de dizer que o ser humano não nasce racista são as ações cotidianas que o torna racista, o preconceito está fincado nas esferas sociais já determinando que o negro é um ser inferior apenas por suas características físicas, e não se leva em consideração suas outras características.

Grada Kilomba relata em seu livro “*Memórias da Plantação*” que se sente melhor na Alemanha do que em Portugal, pelo fato de que, na Alemanha por conta do que ocorreu no nazismo, os alemães tentaram e tentam desfazer a imagem de racistas que “carregam” até hoje. A sociedade alemã investe bastante em políticas públicas, no intuito de combater o racismo. O que deveria servir de exemplo para outras nacionalidades, inclusive a brasileira. Sabemos que há um forte racismo no Brasil, mas ninguém assume e este permanece mascarado.

Uma vez que, no Brasil ninguém se assume racista sempre usam as frases clichês que dizem, “ah mas eu tenho um amigo negro, não sou racista”, “mas meu namorado é negro”, “tenho parentes negros”. Ou seja, sempre estão tentando justificar seus atos racistas, embora que o fato de se ter amigos ou até mesmo parentes negros não nos isenta da posição de racistas.

Em nosso cotidiano é comum nos depararmos com situações nas quais as pessoas usam com frequência frases como: “mas é negro”, “tem que ser negro”, “é por isso que tenho abuso de negro”, “negro quando não ‘caga’ na chegada, ‘caga’ na saída”, quem nunca ouviu uma dessas frases? Eu frequentemente me deparo com elas, e por vezes a gente acaba rindo e nem percebe que ao rir estamos de algum modo colaborando com aquele ato racista. Mesmo que digamos que não somos racistas de algum modo reforçamos tais atos.

O racismo nos aparece de várias maneiras sejam elas ações explícitas ou não, até mesmo um olhar pode determinar um ato racista, não podemos negar que em algum momento de nossas vidas fomos racistas, porque isso já está “fincado” em nossa subjetividade.

6.3. UNIVERSO DE PESQUISA

O tema em questão “**Problematizar o colorismo: aportes para a construção de um projeto antirracista**” visa analisar e definir as rotas de fuga - por assim dizer - das jovens que têm de lidar todos os dias com diversas formas de racismo. Rotas essas que podem se dar até no ato de negar a própria cor, ou reproduzir os atos discriminatórios pelos quais passam. Como explicado por Costa (1984, p. 05):

“O racismo esconde sua verdadeira face por meio da persuasão e repressão do negro, levando mesmo a desejar e até invejar um futuro que não condiz com a realidade de seu corpo, sua história étnica e pessoal.”

Assim, como narrado por Bruna Pereira em seu artigo “*Tramas e dramas da cor: mulheres negras, relacionamentos afetivos e familiares e violência doméstica*”, no qual ela relata a experiência de uma mulher de descendência indígena, cuja mãe casa-se com um homem branco, a mãe por sua vez é índia, essa mulher sofria discriminação e agressão por parte de seu pai por ela ser a filha com o tom de pele mais escuro, ao casar-se ela passou a sofrer com as agressões de seu marido, que mesmo sendo negro a discriminava. Ela diz ter casado com um homem de pele mais escura que a dela em uma tentativa de ser superior como seu pai. Porém, como um castigo pelo seu preconceito não foi isso que aconteceu, seu marido que a fazia sentir-se inferior.

Podemos ver isso em nossa realidade, onde as pessoas que sofrem preconceito, muitas vezes reproduzem os mesmos atos pelos quais passam numa tentativa de se sentirem superiores. Com isso, acabam por entrar em um círculo repetitivo, no qual vão repassando para as demais gerações as mesmas práticas racistas e intolerantes.

Tal como escreveu Jurandir Freire Costa, no prefácio do livro “*Tornar-se negro*” de Neusa Souza, “A violência racista do branco exerce-se, antes de mais nada, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito negro” (Costa, 1984, p. 02). O branco, como em uma tentativa de afirmar sua supremacia, se utiliza da fraqueza emocional do negro quanto sua existência, fazendo assim com que o mesmo se veja inferior negando sua identidade ou origem. O racismo assim sendo empregado como uma ferramenta nesse processo de branquitude. Elemento

esse que acaba se caracterizando como uma violência psíquica ao negro. Se utilizando desses mecanismo como um meio de menosprezar e inferiorizar seus semelhantes, lhe ocasionando assim traumas psicológicos por vezes irreversíveis.

Nesse processo analisarei mulheres negras numa faixa etária de 14 a 17 anos, pois é quando está em desenvolvimento a maturidade mental preparando-as para encarar a realidade, além do mais estudos indicam que as meninas têm mais dificuldade que os meninos para superar a adolescência que para as mesmas vai dos 13 aos 21 anos.

O campo de estudo será a escola, mais precisamente as turmas de 9º ano do ensino fundamental, pois nesse ambiente é possível se ter uma visão ampla sobre o tema aqui abordado, tornando a discussão sobre esse assunto mais viável e possibilitando melhores resultados.

7. METODOLOGIA

A presente pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, com método estudo de caso. De acordo com Goldenberg (2004, p. 47) a pesquisa qualitativa possibilita uma maior compreensão sobre determinado tema, permitindo ao pesquisador obter informações mais objetivas e concretas, não deixando o objeto da pesquisa a mercê de conclusões equivocadas, obtidas em consequência das “bias”, ou seja, os valores subjetivos do indivíduo. Quanto ao estudo de caso, Segundo Cordeiro (1999), esse tipo de estudo é utilizado quando se pretende fazer uma investigação profunda de aspectos de indivíduos (no caso aqui, o processo de auto aceitação da cor da pele, de jovens negras), e a partir da observação dos fatos realizar análises, que permitam generalizações.

Para a realização do estudo, serão consideradas algumas etapas, entre elas, o levantamento de material bibliográfico, acerca da temática; a seleção da escola e os participantes da pesquisa; bem como entrevistas; e oficinas. A entrevista nesse processo será crucial, uma vez que é a ferramenta que nos permitirá entender como as jovens se enxergam, diante de uma sociedade racista, e como foi ou é o seu processo de auto aceitação.

Ainda quanto as entrevistas, optamos por uma metodologia livre, no sentido de ser uma espécie de diálogo, e não apenas perguntas e respostas de forma quase mecânica. Seguimos então a mesma linha de pensamento de Thompson (1992, p. 258), que diz:

“O argumento a favor de uma entrevista completamente livre em seu fluir fica mais forte quando seu principal objetivo não é a busca de informações ou evidência que valham por si mesmas, mas sim fazer um registro “subjetivo” de como um homem, ou uma mulher, olha para trás e enxerga sua própria vida, em sua totalidade ou em uma de suas partes.”

Apesar dessa escolha, é imprescindível um questionário para nortear o diálogo, sempre evitando perguntas que transpareçam nossos subjetivismos, visando não interferir nas respostas dos entrevistados.

As entrevistas serão realizadas com um grupo de jovens pardas e/ ou negras das turmas de 9º ano, do Ensino Fundamental, no ambientes de uma escola pública, ainda a ser definida. Estas entrevistas serão apriori individuais, explicando a cada uma das jovens participantes a temática da pesquisa e os

objetivos desta; em um segundo momento será realizado uma discussão em grupo, um momento para compartilhamento de experiências.

Dessa forma será possível verificar como estas jovens reagem frente aos preconceitos, se estas se deixam manipular pelos padrões impostos quanto ao formato de cabelo, por exemplo, se acabam por reproduzir preconceitos também, as entrevistas serão gravadas em formato de áudio, com auxílio de gravador ou celular, com a devida autorização das participantes. Todas as entrevistas serão transcritas, objetivando preservar a originalidade dos relatos.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARONSON, Elliot. **The Social Animal**. California - EUA: University of California, 1999.

BRAGA, Ana Paula. M. *Pelas trilhas de Virgínia Bicudo: psicanálise e relações raciais em São Paulo*. Geledés, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/pelas-trilhas-de-virginia-bicudo-psicanalise-e-relacoes-raciais-em-sao-paulo/?gclid=Cj0KCCQjws7TqBRDgARIsAAHLHP6e7y1JNglV5Vwqhuku3GyrPtaYY7oSoZy4YKtAh9JqnlceQ4oWAUaAgcrEALw_wcB>.

CARDOSO, Lourenço. C. **A branquitude acadêmica, a invisibilização da produção científica negra e o objetivo-fim**". In: 130 anos de (des)ilusão: a farsa abolicionista em perspectiva desde olhares marginalizados. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2018, p. 295-311.

CORDEIRO, D. **Ciência, pesquisa e trabalho científico: uma abordagem metodológica**. Cadernos didáticos, nº 7. Goiânia: Ed. da UCG, 1999.

CARNEIRO, Sueli. **Negros de pele clara**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/negros-de-pele-clara-por-sueli-carneiro/>

COSTA, Jurandir. "Prefácio da cor do corpo: a violência do racismo." Prefácio. In: Tornar-se negro. SANTOS, N. 1984.

DAVIS, Ângela. *Mulheres, raça e classe*. [Recurso eletrônico]. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/37261635/Mulheres_raca_e_classe_angela_davis>.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar*. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. – 8ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2004. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/labesc/files/2012/03/A-Arte-de-Pesquisar-Mirian-Goldenberg.pdf>>.

GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Rio de Janeiro, 1980.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. RJ: Cobogó, 2019.

MANUEL, Daniela; SILVA. M; OLIVEIRA, Roselle. A origem do preconceito. Disponível em:

<<http://revista.fepi.br/revista/index.php/revista/article/view/260/147>>.

MUNANGA, Kabengel. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. RJ, 2003. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-noco-es-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>>.

MUNIZ, T. P. A materialização da raça nas controvérsias institucionais: notas etnográficas acerca das disputas em torno de uma política de saúde com recorte racial. In: 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2018, Brasília. Anais da 31ª RBA, 2018. P. 28-49.

PAPALIA, D.E; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12º. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

Racismo, o que é racismo, origens do racismo, doutrinas raciais do século XIX. Escola Kids Uol. Disponível em: <<https://escolakids.uol.com.br/historia/racismo.htm>>.

SILVA, Tainan Maria. O colorismo e suas bases históricas discriminatórias. Disponível em: <<https://revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/viewFile/4760/3121>>.

SOUZA, Neusa santos. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. - Rio de Janeiro: Edições Graal. - 1ª edição, 1983. Disponível em: <<https://psicanalisepolitica.files.wordpress.com/2014/10/tornar-se-negro-neusa-santos-souza.pdf>>.

Taís Araújo comenta sobre preconceito racial no Brasil. Programa Altas Horas, exibido em: 07 de novembro de 2015. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4594241/>>.

THOMPSON, P. *A voz do passado*: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 254-278. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/PPGG%20%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/A%20voz%20do%20passado%20hist%F3ria%20oral.pdf>.

Você sabe o que é colorismo? Politize, 2019. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/colorismo/>>.

9. APÊNDICE

Questionário:
1. Se presente, seu nome, idade, o que faz. Conte-me um pouco sobre sua trajetória de vida.
2. Todos nós temos uma visão sobre nós mesmas. Pode me falar sobre como você se vê?
3. Boa parte das pessoas dizem já terem sofrido com alguma forma de preconceito. Você já foi alvo de alguma forma de preconceito? Se sim, qual?
4. Mesmo com todas as diferenças e divergências com as quais temos de lidar frequentemente, você mesmo com toda essa diversidade se aceita como é?
5. Para a maioria da sociedade a cor é um dos principais elementos para definir caráter e a capacidade das pessoas. Para você a cor da pele significa algo? Se sim, por quê?
6. Vivemos em meio a constantes discussões, seja sobre política, economia, educação e um dos temas mais discutidos e polemizados é sobre racismo. E você, o que pensa sobre o racismo?
7. Constantemente são elaborados mecanismos capazes de solucionar os mais diversos problemas que surgem na humanidade. Você acredita que a educação pode ser vista como uma ferramenta capaz de combater o racismo?